

JOÃO SILVÉRIO TREVISAN:
VIDA POLÍTICA, TRAJETÓRIAS HOMOSSEXUAIS

Paulo R. Souto Maior Júnior¹

Resumo: Este texto, circunscrito numa certa história cultural de análise dos discursos, tem por objetivo repertoriar aspectos da vida política de João Silvério Trevisan. Escritor e jornalista, Trevisan tem publicado vários livros no Brasil especialmente com a temática homoafetiva. Alguns exemplos de suas produções são: *Testamento de Jonatas deixado a Davi*; *Em nome do desejo*; *Troços & Destroços*, *Ana em Veneza*, *Rei do Cheiro*. Trevisan publicou ainda *Devassos no Paraíso*, que teve a primeira edição nos anos 1980 e uma década depois seria reeditado com um acréscimo considerável de acontecimentos, no qual repertoria aspectos da história da homossexualidade no Brasil no período que vai da Colônia a década de 1990. Em 2002 foi publicado pela editora Record o livro *Pedaço de Mim*, nele o autor destaca aspectos da sua vida enquanto militante homossexual ativo no país. Eis o foco dessa caminhada, investigar algumas relações de Trevisan com o Somos (Grupo de Afirmação Homossexual)/SP que ele ajudou a fundar e o jornal *Lampião da Esquina* do qual foi um dos principais editores.

Palavras-chave: João Silvério Trevisan. Somos/SP. Lampião da Esquina.

Abstract: This text, circumscribed in a certain cultural history of discourse analysis, has the objective demarcate aspects of the political life of João Silvério Trevisan. Writer and journalist, Trevisan has published several books in Brazil specially with homosexual themed. Some examples of his productions are: *Testamento de Jonatas deixado a Davi*; *Em nome do desejo*; *Troços & Destroços*, *Ana em Veneza*, *Rei do Cheiro*. Trevisan also published *Devassos no Paraíso*, which had its first edition in 1980 and a decade later was reissued with a considerable increase of events, in which delimited aspects of the history of homosexuality in Brazil in a period between the colony and the nineties. In 2002 was published by Record the book *Pedaço de Mim*, that the author demarcate aspects of his life while active homosexual militant in the country. Here the focus of this walk, to investigate some relations of Trevisan with Somos (Group of Gay Affirmation)/SP, that he helped found and the newspaper *Lampião da Esquina* which was one of the main editors.

Key-words: João Silvério Trevisan. Somos/SP. Lampião da Esquina.

¹ Mestrando em História pelo Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Pernambuco sob orientação do professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior. E-mail: paulosoutom@gmail.com

De todos os escritores homossexuais – este rótulo será tratado neste texto! - brasileiros vivos na atualidade, talvez João Silvério Trevisan tenha se tornado um dos mais importantes devido não somente a dimensão estética de sua obra, a construção das personagens, das artimanhas entre as palavras do seu texto. Ora, para além disso, Trevisan ganhou destaque no cenário contemporâneo devido, dentre outros fatores, à sua vida política e à sua participação em acontecimentos que contribuíram na formação do movimento homossexual brasileiro.

A crítica tem reservado um espaço pequeno para Trevisan devido, ele acredita, ao seu histórico enquanto militante homossexual. Leandro Sarmatz, jornalista e colaborador do Jornal *Zero Hora* até 2001, ao escrever a respeito do livro de contos *Troços & Destroços* sustenta que a função da obra reside em representar um confessionário de questões relativas à homossexualidade na contemporaneidade. Sarmatz sugere que a produção literária trevisiana é meramente autobiográfica ao questionar o que separa, se é que separa, o Trevisan autor do Trevisan militante.

O surgimento dessas críticas convida a refletir como alguns escritores homossexuais tem sua obra reduzida a suas sexualidades podendo, como é o caso do autor de *Devassos no Paraíso*, ser pouco conhecido nacionalmente enquanto escritor, mas ser lembrado quando se fala em militância. Sobre isso, em texto de caráter defensivo². Trevisan dirá que o passado no grupo *Somos/SP* e no *Lampião* o marcaram “como ferro e brasa” e argumenta: “se minha militância em favor dos direitos homossexuais prejudica a minha literatura, então por favor, mostrem-me em que pontos exatos da minha obra eu faço proselitismo homossexual” (TREVISAN, 2002, p. 106).

Trevisan lamenta profundamente o lugar secundário atribuído a sua literatura devido a sua militância. Segundo ele, tornou-se um elemento típico da sombra do movimento homossexual. “A minha literatura foi deixada à sombra: sou considerado um escritor de segunda categoria pela universidade e pela mídia porque minha temática preferencial é a homossexualidade” (TREVISAN, 2002, p. 107). Ainda assim, não se sente desvalorizado com as críticas ao seu trabalho, insiste, em vez disso, em defender

² TREVISAN, João Silvério. Sobre espelhos, máscaras e camas. Caderno de cultura. 12 de Junho de 1997. Zero hora, Porto Alegre.

um compromisso sério com a poesia e interpreta as críticas ao seu trabalho como um reflexo do preconceito ainda presente contra a homossexualidade.

Da vida para a produção literária há flashes consideráveis, lembranças que ganharam palavras e sugere a sensibilidade do pequeno garoto natural de Ribeirão Bonito na noite mais longa daquele 1944, era 23 de junho. O garoto, simpático aos mistérios noturnos e a mistura do silêncio e sereno das madrugadas, incansável em sonhar e criar envereda pelos caminhos da escrita ainda menino em fins da infância, sem dúvida este ambiente serve de cenário para as peripécias do romance *Em nome do desejo* que conta uma história desenvolvida em um seminário para padres. Mais ainda! É uma narrativa sobre o amor entre homens... Como se trata de pessoas do mesmo sexo, conhecidos historicamente, desde o século XIX, de homossexuais, os conflitos envolvidos na relação é inevitável. Nas páginas do texto *Tiquinho e Abel* se dividem entre a volúpia do desejo e a glorificação da alma pura e assexuada.

O processo de escrita de *Tiquinho e Abel* é uma recordação de um romance protagonizado por Trevisan quando adolescente no Seminário Maior em São Carlos. É oportuno ver com o autor como se deu essa relação:

Nós ficamos muito apaixonados um pelo outro e namoramos com o beneplácito do diretor espiritual, um padre jovem que considerava muito importante a relação que nós tínhamos. Ele achava que nós nos completávamos interiormente. Eu e esse rapaz tivemos uma relação muito bonita, de declaração de amor, onde tudo o que tínhamos era dos dois, tanto o dinheiro quanto os livros e a roupa.

(SILVA, Claudio Roberto da. Reinventando o sonho, 1998, p.229)

Trevisan, ao longo dos seus romances, contos e produção literária de modo geral escreveu com intensidade sobre o amor e acerca dos conflitos relacionados à aceitação da homossexualidade tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Seus escritos sobre o amor entre homens percorre não apenas seus romances, atravessa alguns contos não deixando de ser mencionado em revistas de fins do século XX como a *SuiGeneris* e a *G Magazine*, periódicos de onde foi colunista

Ao sair do seminário o namoro findou e Trevisan decidiu “sair do armário” iniciando um processo longo e difícil que exigiu terapia individual e em grupo. Após o tratamento foi possível diagnosticar o cerne da conturbada relação que tivera com o pai. Ao descobrir “que todo problema estava ligado ao fato de amar profundamente papai e não ser amado por ele” (SILVA, 1998, p.226) passou a aceitar o sofrimento e lidar de maneira mais amena com a sexualidade ao qual o autor se refere como “desejo”.

O processo de aceitação, porém, não é tão simples como talvez se possa imaginar. Envolve, na maioria das vezes, como nos conta estudos na história (MAIOR JÚNIOR, 2010), sociologia (MISKOLCI, 2012), antropologia (MACRAE, 1990), crítica literária (SEDGWICK, 1985), lágrimas, medo, angústia, receios, discussões, brigas, suicídios e, a psicologia (CASTAÑEDA, 2007) demonstra, um processo de aceitação de si e o receio e, na maioria dos casos, desejo de ser aceito pelos demais; vive, dessa forma, existindo não por ser reconhecido mas por ser reconhecível (BUTLER *apud* ERIBON, 2010). Isso significa dizer que a injúria, seja de forma verbal ou não-verbal, molda as subjetividades de indivíduos que apresentam um “jeito” não condizente com a performance naturalizada para o seu sexo, é o exercício do estigma especialmente numa sociedade heteronormativa, ou seja, elege e atribui um lugar de privilégio a heterossexualidade em detrimento da homossexualidade³.

À medida que a idade avançava Trevisan se infiltrava em diversas atividades que pudessem incrementar sua formação. Quando criança era tido com um dos mais inteligentes e brilhantes alunos, seus textos eram lidos pelos padres do seminário que o incentivavam de diversas formas como por exemplo ser roteirista de peças no Seminário, lugar onde optou por ser de esquerda. Ser de esquerda no Brasil de meados do século XX significava se valer de atitudes que lutem pelo fim da desigualdade social, igualdade de direitos para todos incluindo que tenham suas múltiplas subjetividades respeitadas e asseguradas pelo Estado. Porém, essa visão de esquerda é tênue e a fronteira que separa esquerda-direitas e torna fluida porque varia historicamente e o próprio Trevisan perceberia essa questão alguns anos mais tarde em texto publicado na *Folha de São Paulo*⁴.

Na juventude, antes da polícia invadir o Seminário de Aparecida, Trevisan e alguns colegas eram adeptos do socialismo e das prerrogativas desse pensamento executando algumas ações políticas. Outra esfera do seu engajamento se deu na participação da Ação Popular, este grupo ganhou destaque no começo do Regime Militar no Brasil e se caracterizava por agregar áreas socialistas próximas da Igreja – apesar do receio das instituições religiosas com esse tipo de aproximação. O contato com a Ação Popular se deu porque Trevisan estudava filosofia na Pontifícia Universidade Católica e, por isso, estava próximo dos grupos da Juventude Estudantil

³ RICH, Adriene. Compulsory heterosexuality and lesbian existence. In: ABELOVE, Henry BARALE, Michèle Aina HALPERIN, David M. The lesbian and gay studies reader. Routledge, New York, 1993

⁴ Trevisan, João Silvério. As pedras no sapato do poder. Folha de São Paulo, 25 de maio de 1986

Católica (JEC) e da Juventude Universitária Católica (JUC). O grupo se dissolveu rapidamente. Segundo palavras de Trevisan em entrevista concedida a Cláudio Roberto Silva a AP era uma “piada”. Ele explica seus motivos:

Não era nada do que parecia quando resolvi sair da A.P. Então mandei uma carta analisando os problemas que eu tinha encontrado e os motivos pelos quais havia saído. Fiz uma severa crítica ao seu maoísmo que considerava algo absolutamente de fachada... uma bobagem. Eu me considerava um maoísta, mas na verdade o que me atraía no maoísmo era o anarquismo implícito em alguns de seus aspectos.

(SILVA, Claudio Roberto da. Reinventando o sonho. 1998. Pp. 236)

Cansado e saturado de uma política brasileira onde a última palavra passa a ser democracia Trevisan opta por se auto exilar no exterior e em 1973 vai embora do Brasil por um período de três anos. Trevisan não estava sozinho. Tornou-se mais um brasileiro a deixar o país numa época enganosamente conhecida por “milagre econômico” – investimentos em hidrelétricas, estradas, meios de comunicação – e comemoração com a vitória da seleção brasileira na copa do mundo de 1970 desembocando no conhecido *slogan* do governo de Emilio G. Médici, “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Porém, é sob a presidência desse general que o número de desaparecidos, mortos e presos políticos se intensifica. No clima cercado de mistérios, lágrimas, lutas surgidos com o regime vários intelectuais, líderes, jornalistas, professores se auto exilaram, quando não foram convidados a deixar o país ou simplesmente morreram em acidentes misteriosos, cheios de provas dúbias ou sem prova alguma ou ainda com centenas de desaparecidos políticos.

Exilar-se significa criar uma fronteira tanto no mundo interno, da subjetividade do indivíduo, quanto no mundo externo, nas condições pela qual essa ação política se firma. O exílio não é um corte definitivo entre um antes e um depois, em vez disso, é o contato com o inusitado montado no hiato que separa o que se passou daquilo que está por vir. Numa palavra o exílio é intermediar-se. Acostumar-se com a distância de parentes, amigos, hábitos culturais, trabalho, projetos e intermediar essas (in)certezas com um novo lugar, uma nova cultura, novos hábitos e costumes, intermediar estratégias de sobrevivência⁵.

Um brasileiro no exterior, caminhando nos Estados Unidos e no México. Nos Estados Unidos Trevisan fixou estadia em Berkeley na Califórnia, uma cidade já com histórico de lutas homossexuais e estudantis. O ano de 1969 é conhecido dos

⁵ SAID. Edward. Representações do intelectual. São Paulo: Companhia das letras, 2005

homossexuais norte-americanos. Em junho daquele ano ocorreu em Nova Iorque o levante/rebelião de Stonewall marcando definitivamente a ação do movimento político de gays e lésbicas nos Estados Unidos. Os desdobramentos dessa atitude serão vistos nas ruas com manifestações e passeatas organizadas bem como em universidades onde professores passam a oferecer cursos cujo tema de estudo são questões gays.

O ano de 1973 em Berkeley adquire importância decisiva para o futuro engajamento político de Trevisan dado que naquela época entrou em contato com o movimento homossexual, movimento negro, movimento feminista além dos debates ecológicos em torno da problemática ambiental que emergia nesse momento, pois no ano anterior, em 1972, era realizada em Estocolmo, na Suécia, a Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente quando os países perceberam que o planeta não era uma fonte inesgotável de mecanismos necessários a vida e abordaram questões como a chuva ácida e a poluição do ar com a presença de 113 países e mais de 400 organizações.

O maio de 1968 francês teria se baseado nos movimentos estudantis de Berkeley, segundo o filósofo e professor John Searle em tese que se contrapunha a levanta por Eric Hobsbawn em *A era dos extremos*. Ora, a série de revoltas advinda do enigmático levante ocorrido na França em 1968 teria tido origem no Free Speech Movement, movimento que se deu na Universidade de Berkeley em outubro de 1964 e contestou valores conservadores da sociedade americana no momento em questão. O movimento de contestação sofreu motivações devido a Guerra do Vietnã (1959-1975) por agravar tensões entre os jovens e as instituições. Indiscutivelmente esse movimento estudantil esteve relacionado à luta por direitos civis especialmente no que concerne a população negra.

A Berkeley da década de 1970 se munia ideologicamente de mecanismos para questionar inclusive o sistema americano de exportação cultural para o restante do mundo: *american way of life*. No primeiro ano dessa década ocorreu a Primeira Parada Gay da história com milhares de pessoas caminhando em direção a Los Angeles, São Francisco e Nova York. O movimento homossexual na cidade tomava as ruas e em passeatas em 1974/75 homens desfilavam com pênis eretos, sado-masoquistas e travestis também protestavam ao lado de pessoas se masturbando.

Simultaneamente elementos passavam a incrementar o pensamento de Trevisan. De um lado assistia a construção e fortalecimento da contestação de gays e lésbicas em busca de igualdade de direitos civis, mas percebeu, segundo ele, que posteriormente o

movimento homossexual nos Estados Unidos mudou os objetivos e pretendeu conquistar o poder. Para Trevisan esta prática lembrava algo que deveria ser destruído: o poder; e aumentava sua simpatia pelo anarquismo. O que vinha acontecendo levou Trevisan a “tomar consciência não apenas de ser o que eu era, mas de batalhar para poder ser o que eu era” (SILVA, 1998, p.237).

A efervescência cultural deixava espaço para a vivência de afetos que eram na grande maioria fugazes e fugidios nos EUA. É por aí que o nosso personagem teve dificuldades nas experiências afetivas. Apaixonando-se por um aqui, outro ali nunca conseguiu ter um namorado americano. Muito sexo e rapidez na cama levaram Trevisan a ficar desesperado porque “eles não tinham ideia do que era ternura, tanto que demorei muito em descobrir a palavra na língua inglesa para ternura”. Em seguida, migrou para o México onde talvez tenha sido mais feliz num país cujas características culturais se aproximavam mais do que aprendera no Brasil. Percebe-se como “o exilado vê as coisas tanto em termos do que deixou para trás como em termos do que de fato acontece aqui e agora (...). Cada cena ou situação no novo país aproxima-se necessariamente da sua contrapartida no país de origem” (SAID, 2005, p.67).

Após o México, o retorno ao Brasil foi um encontro com a solidão no começo da segunda metade da década de 1970. “O meio homossexual já era e se tornou mais ainda um lugar basicamente de pegação, um grande açougue. (...). A minha vivência enquanto homossexual passa pela minha cama, mas não fica nisso, nunca foi assim e nunca será”, explica Trevisan que encontrou como alternativa para a sua solidão a militância homossexual política no país.

Cioso de poder viver de modo menos denso enquanto homossexual no Brasil Trevisan sentia falta do que conhecera especialmente na Califórnia em termo de luta por igualdade de direitos. Isso explica o engajamento que Trevisan tomaria a partir daquele momento.

Quando retornou continuou a residir em São Paulo. O momento político de meados dos anos 1970 é sugestivo para debates, contestação e iniciativas de mudança numa ordem social hierarquizante para determinados grupos. O país vivia certo abrandamento do regime militar que se fazia sentir especialmente no enfraquecimento da censura, no fluir menos vigiado entre as ruas das cidades, volta de exilados políticos. Aos poucos a imprensa retomava a liberdade bloqueada pelo Ato Institucional (AI) nº5 que havia conferido vários poderes ao presidente da república. O documento redigido pelo então ministro da Justiça Luís Antônio da Gama e Silva impôs, dentre outras

questões, a censura prévia para diversos meios de comunicação: livros, peças de teatro, músicas, revistas e jornais.

Com o enfraquecimento do regime a partir do governo de Geisel as bancas, avenidas, bairros da cidade viram circular novos jornais, muitas vezes possuíam vida curta, em outras, apenas uma edição, alguns vendidos e outros distribuídos gratuitamente – havia casos de imprensas e bancas que os vendessem serem atacadas por atentados terroristas (MACRAE, 1990). Desse modo, negros, mulheres e homossexuais ganhavam a rua discursivamente por meio da imprensa nanica, ou seja, produções modestas podendo ser caseiras, cujo objetivo era falar especialmente daquilo que a grande imprensa noticiava, a condição de marginalizados, de vítimas de preconceitos e o direito a cidadania no sentido de igualdade social.

Em entrevista a Silva(1998) Trevisan esclarece que no retorno ao Brasil desejava encontrar pessoas com quem trocasse ideias sobre política, homossexualidade, cultura e engajamento. Na época, ele que antes era mais simpático à esquerda vinha tecendo críticas a esse sistema porque alimentava um forte preconceito contra os homossexuais. Ao decorrer de 1976, indignado com tais circunstâncias, tentou organizar um pequeno grupo constituído de homossexuais cujo objetivo era discutir sexualidade, afetos e desejos, em poucas semanas o grupo com cerca de dez pessoas se desfazia porque, sobretudo, seus integrantes viam na sexualidade uma prática anormal ou sentiam culpa por convicções ideológicas num clima de instabilidade política no país

Paralelamente o movimento de mulheres feministas dava passos consideráveis quando para elas um dos principais problemas era assumir a identidade de feminista que se contrariava em grande medida ao lugar reservado até então para a mulher na sociedade brasileira. Atrelado a isso havia, conforme mencionado, o movimento negro, ecológico e indígena que ficaram conhecidos nacionalmente por luta das minorias.

Porém, dentro do movimento de esquerda esses problemas foram debatidos inicialmente como “luta menor” em contrapartida a “luta maior” que era o proletariado e não podia sofrer ameaça alguma na sua luta. Trevisan discordava desse raciocínio simplesmente por visualizar cenários de preconceito, discriminação e desigualdades entre mulheres proletárias ou não, entre negros ricos ou pobres, ou seja, “a luta de classes não pode ser uma varinha mágica que explique todas as questões da sociedade e ponto final”; significava refletir a sociedade para além do binômio criado por essa vertente do marxismo, que seja a luta de classes e, sobretudo, trabalhar com o propósito

de que o movimento homossexual não se fundisse ao movimento proletário, mas em vez disso construiu um espaço de luta e reivindicação próprio.

Cerceado por esses questionamentos surgiu em 1978 o *Lampião da Esquina* em 1978, cuja vida se romperia em 1981. Este jornal não é o primeiro jornal escrito e destinado ao público homossexual no Brasil. Segundo estudos de Green(2000), Macrae (1990), Simões & Facchini (2007)houveram outros jornais anteriormente. Um dos conhecidos nos anos 1960 foi *O snob*⁶(1963-1969) cuja edição era artesanal e circulava em várias regiões do Brasil. Uma das razões para a dissolução do veículo foi a censura do Regime Militar. Segundo estudo de Costa (2010) o jornal não possuiu uma preocupação política com os direitos e discriminação sofridos por homossexuais.

Na década seguinte outros jornais surgiriam como *Bondinho*, em São Paulo (1970); *VerboEncantado*, na Bahia (1971); *Flor do Mal* e *Presença*, no Rio de Janeiro (1971). No mesmo sentido a contestação cultural no campo da sexualidade se dá igualmente com o desenvolvimento de uma subcultura gay e pessoas se relacionando com outras de mesmo sexo. Elas passam a compor cenas da sociedade heteronormativa provocando uma série de mudanças na contestação de valores machistas, preconceituosos e segregacionistas. O que ocorrerá com grupos de militância, discussão e reivindicação de conhecimento social para o indivíduo homossexual, sobretudo nas páginas de uma imprensa criada por eles.

Os discursos dos jornais da “imprensa nanica” construíram a visibilidade dos sujeitos dos quais se dispunham a falar e discutiam a questão dos direitos sociais igualitários para estes grupos. Por isso, estes textos incentivaram a construção de um movimento organizado e firme de atuação pública e simultaneamente se preocuparam em criar mecanismos que permitissem a emergência de novas maneiras de lidar com a condição de oprimidos (GREEN, 2000).

O *Lampião da Esquina* trataria de diversos temas, suas páginas trariam assuntos que viriam ser tratados muitos anos mais tarde e, segundo Trevisan, passaram a ser plagiados pelo jornal *Folha de São Paulo*. O periódico chegou às bancas em abril de 1978 com o exemplar nº0.No entanto, o planejamento ocorreu um ano antes. Em visita

⁶O foco de *O snob* era a sociabilidade e o lazer homossexual. As sessões continham fofocas das bichas e seus bofes, dos concursos de miss, de locais de pegação como o banheiro Central do Brasil conhecido na época por ser ponto de encontro e relações sexuais entre homens. Já no fim da sua vida o foco das matérias do periódico sofre algumas alterações trazendo com maior intensidade crônicas, contos, poesias, artigos e colunismo social. Para mais informações ver: MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto e VIEIRA, Kyara Maria de Almeida.Onde a gente que é gente se entende: rastros da homosociabilidade masculina no Rio de Janeiro (1960-1970)).

ao Brasil, Wilson Leyland, escritor norte-americano e fundador do *Gay Sunshine*⁷ tinha como objetivo criar um antologia de contos gay latino-americanos e se visitou o Brasil na época é porque alguma produção constava. Nomes como João Silvério Trevisan e Aguinaldo Silva se tornavam conhecidos. E foi numa reunião ocorrida em decorrência da passagem de Leyland pelo Brasil que se cogitou a ideia de criar um jornal gay. O *Lampião* havia sido fecundado.

A dimensão política de Trevisan ao longo do *Lampião* consistiu em dotar o jornal de um aspecto sério e muitas vezes havia divergências entre as equipes de São Paulo e do Rio de Janeiro. O jornal era produzido no Rio de Janeiro onde Aguinaldo Silva comandava o processo de editoração além da equipe da cidade. Em São Paulo o líder da editoração era João Silvério Trevisan e a relação nem sempre foi de paz especialmente quando o foco era a escolha e produção das matérias a ser constada na edição.

No entanto, as dificuldades estavam longe de residir na disputa sobre o que deveria ou não constar no mesário. Logo no início da circulação do jornal, na publicação do nº0, o então ministro da justiça, Armando Falcão, solicitou um inquérito contra alguns editores do *Lampião* cujo conteúdo das suas páginas ofendia “a moral e os bons costumes”. A matéria que motivou o inquérito foi escrita por Trevisan e trazia à tona a perseguição do sistema judiciário contra Celso Curi, conhecido jornalista da época, por escrever uma coluna gay no jornal *Última hora*. Como punição pelo artigo meramente defensivo Trevisan e Darcy Penteado, outro editor do jornal, foram interrogados, fotografados e fichados com o intuito da polícia checar se havia a possibilidade de um inquérito contra ambos por atentado à moral e aos bons costumes (SILVA, 1998).

Começava a ser gestado, por João Silvério Trevisan e as páginas do *Lampião*, o movimento homossexual no Brasil. Trevisan lamenta a atrasada inserção do Brasil na modernidade, dada a dificuldade do país, ele defende, em tratar os temas do seu tempo apenas encarando-os quando “reduz-se facilmente a última moda” (TREVISAN, 2011, p.335). Trevisan, nos seus escritos sustenta o surgimento do “Movimento de Libertação Homossexual no Brasil faz parte de uma (vã) tentativa de se abrir para o mundo” (TREVISAN, 2011, p.336).

⁷ Jornal gay que começou a ser editado nos Estados Unidos e se tornou um forte vínculo de luta política.

Aliás, no retorno ao Brasil Trevisan presenciou uma crise de intercâmbio político. Uma vez no exterior, conviveu com *gueis* – como escreve nosso personagem resistindo a uma escrita nos moldes do inglês estado-unidense – americanos, feministas e demais exilados brasileiros que simultaneamente entram em contato com outras posições teóricas que não o marxismo revolucionário difundido mundialmente com o maio de 1968 na França.

A produção intelectual e a construção do pensamento desse militante são marcadas por um intercâmbio intelectual com as feministas de meados dos anos 1970. As mulheres feministas não estavam apenas nas ruas com cartazes, faixas e gritos de reivindicação, liam, estudavam, discutiam, elegiam como pautas de reunião questões relativas a sexualidade e ao aborto. Para não ficar apenas na leitura de Simone de Beauvoir, o feminismo no Brasil de fins dos anos 1970 leu produções de americanas como Betty Friedman, uma das fundadoras do movimento nos Estados Unidos, autora de *A mística feminista*⁸. Assim, vagarosamente o feminismo de base marxista passava a se articular com questões relativas à subjetividade devido ao diálogo com outras áreas como a psicanálise.

A Organização das Nações Unidas (ONU) definiu 1975 como o Ano Internacional da Mulher, desencadeando no Brasil o movimento feminista organizado quando em julho daquele ano, na Associação Brasileira de Imprensa, no Rio de Janeiro, foi fundado o Centro da Mulher Brasileira. Uma preocupação constante nos grupos feministas passa a ser a dificuldade de uma tradição democrática no país por causa especialmente dos regimes ditatórias – o Brasil havia presenciado a Ditadura do Estado Novo (1937-1945) sob o regime de Getúlio Vargas – impedindo o exercício e prática da democracia.

O que é colocado como meta vai de encontro ao pensamento de Trevisan que passa a escrever artigos com feministas não abrindo mão de compreender o pensamento, parecia entender e valorizar a importância da compreensão que buscava também à medida que escrevia (ARENDT, 2008). Portanto, nosso escritor foi contemporâneo do feminismo à medida que seus escritos se conectam num movimento mais amplo, a luta pela defesa dos direitos civis. Aliás, indiscutivelmente feminismo e movimento homossexual se encontram por serem contemporâneos de um pensamento e modo de agir difundido rapidamente Brasil afora (ERIBON, 1996).

⁸ SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória

O intercâmbio do movimento homossexual vinha se fortalecendo e prova disso foi a Semana das Minorias, seminário ocorrido na Universidade de São Paulo (USP) com participantes e representantes de diferentes grupos: mulheres, negros, homossexuais, biólogos, representantes de indígenas. Trevisan, bem como seus pares, ficaram um tanto espantados com o convite ao público homossexual para o evento o que se comprova por lideranças de outros movimentos se surpreenderem com uma militância homossexual. Em matéria publicada no *Lampião da Esquina* sobre o evento Trevisan chegou a afirmar:

A luta dos grupos discriminados é, sem dúvida, uma luta da maioria, pois as especificidades concernem à maioria. A sociedade como um todo tem que ser responsável por cada uma de suas partes; entre outras coisas, pelo machismo, racismo e sexismo que oprimem os grupos discriminados; em outras palavras, os problemas particulares só existem, enquanto problemas, em relação ao contexto social que os provocou. Por isso também a acusação de separatismo é falsa. Foi o que as bichas e lésbicas gritaram em 8 de fevereiro: separatista é quem não aceita a participação das individualidades, para além das fórmulas preestabelecidas
(Lampião da Esquina, Março de 1979, p 10)

A luta dos discriminados é, assim, uma reivindicação de grupos que possuem em comum questões relativas a uma não proteção do Estado para suas demandas, reivindicações e projetos. É preciso atentar no trecho acima a presença não somente de um questionamento homossexual, mas a imbricação de temas recorrentes nos debates feministas como o machismo e o sexismo.

O grupo *Somos*, Grupo de Afirmação Homossexual, fundado em 1978, posteriormente ao lançamento do *Lampião da Esquina*, se caracterizava pela defesa dos direitos dos homossexuais além de se constituir de um serviço de escuta e conselhos por meio de um sistema de correspondência que recebeu desabafos vindos de diversos lugares do país. Trevisan não só integrou o quanto pôde o grupo como lutou pelo exercício dos seus projetos.

O nome do grupo *Somos* lança mão a reflexão de dois verbos importantes para o movimento homossexual no momento: afirmar e, por conseguinte, assumir. “Em síntese, dizer *Somos* simultaneamente significa assumir e realizar o ato performativo de afirmar” (SOUZA, 1997) e ia de encontro a uma das ideias mais defendidas por Trevisan também conhecido por defender o *coming out*, movimento conhecido no movimento homossexual americano por defender o assumir da homossexualidade.

No veraneio de 1996 Trevisan concedeu uma entrevista ao jornal *O Globo* respeito da obra *Devassos no Paraíso*, que nos anos 2000 era publicado pela Editora Record. A matéria saiu com o título “Novos capítulos do dedo-duro cor-de-rosa” narrava, dado os cortes bem arquitetados na fala do entrevistado, uma campanha para entregar gays famosos segundo um modelo exercido por homossexuais americanos. Tratava-se de uma matéria bruta e inócua além de acusar o livro do autor sobre a história da homossexualidade no Brasil como um compendio de fofocas de homossexuais. Detalhe: na época da publicação da matéria esse livro estava esgotado sugerindo que a repórter não o leu.

Trevisan contribui decisivamente na luta pela construção do movimento homossexual no Brasil. Integrou grupos, compareceu a reuniões, tentou montar grupos de discussões de textos, criou amizades e foi vítima de desafetos. Está perdido num mundo de palavras... As mais diversas e múltiplas palavras que falam de um Eu que é tantos outros simultaneamente. Mas a palavra mais exata, a sua vida secreta nas palavras é: escritor, ponto. Isso porque soube através de duas palavras, nos hiatos entre os parágrafos falar de si e, simultaneamente, falar de outros e de tantos que se identificavam com sua produção, se sensibilizava com seus fragmentos de vida e acreditava que a busca e luta por um mundo melhor ainda é possível.

Referências bibliográficas:

- ABELOVE, Henry BARALE, MichéleAina HALPERIN, David M. **The lesbian and gay studies reader**. Routledge, New York, 1993
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Discursos e pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (org). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. & CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In.:Schpun, Mônica Raisa (org.). **Masculinidades**. São Paulo: Boitempo Editorial, Santa Cruz do Sul, Edunisc, 2004.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FACCHINI, Regina. **Sopa de letrinhas?: Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- _____. & SIMÕES, Júlio Assis. Na trilha do arco-íris: a trajetória do movimento homossexual brasileiro. Editora Perseu Abramo, São Paulo: 2009
- FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2011.
- _____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2010.
- _____. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 02 de Dezembro de 1976. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- _____. **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. Coleção Ditos& Escritos, v. 5.
- _____. **História da Sexualidade I- A vontade de Saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2010.
- FRY, Peter & MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. Coleção Primeiros Passos.
- GREEN, James. **Além do Carnaval: A Homossexualidade Masculina no Brasil do Século XX**. São Paulo, Editora da Unesp, 2000.
- _____. & TRINDADE, Ronaldo. **Homossexualismo em São Paulo e outros Escritos**. São Paulo, Editora Unesp, 2005.
- GUIMARÃES, Carmem. **O Homossexual Visto por Entendidos**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional, Dissertação de Mestrado, 1977.
- HALPERIN, David. **San Foucault: Para unahagiografía gay**. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2007.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.
- JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2011.
- LIMA, Marcus Antônio Assis. **Breve Histórico da Imprensa Homossexual no Brasil**. Revista Cronos, Pedro Leopoldo, 2001, pp. 21-30.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho – ensaios sobre a sexualidade e a teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MACRAE, Edward. **A Construção da Igualdade: identidade sexual e política no Brasil da abertura**. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.
- _____. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: COLLING, Leandro (org). **Stonewall 40+ o que no Brasil?** Salvador: EDUFBA, 2011.
- NOLASCO, Sócrates. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993. (Gênero Plural).
- O'BRIEN, Patrícia. **A história da cultura de Michel Foucault**. In: HUNT, Lynn. A nova histórica cultural. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

- RODRIGUES, Jorge Caê. **Impressões de Identidade**. Niterói: EdUFF, 2010.
- SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Recife: SOS Corpo 1991.
- SAID, Edward. **Representações do intelectual**. São Paulo: Companhia das letras, 2005
- SEDGWICK, EveKosofsky. **A Epistemologia do armário**. In: MISKOLCI, Richard e SIMÕES, Júlio (org). Cadernos Pagu “Querer”, V.28, p. 19-36, 2007.
- SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. **E havia um Lampião**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Rio de Janeiro: UNERIO. 2006.
- SOUZA, Pedro de. **Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. Ed. revista e ampliada. 4.^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. **Pedaço de mim**. Rio de Janeiro: Record, 2005

Artigo Aceito em 20 de outubro de 2013.

Artigo Aprovado em 28 de outubro de 2013 pelo Profº Dr. Alisson Dias Gomes (FSA- PI)